

A MORTE PROTESTANTE NA BAHIA AFRO-CATÓLICA

Elizete da Silva¹

Resumo: O binômio vida/morte ocupa uma significativa centralidade no discurso e na visão de mundo cristã, especialmente no seu ramo protestante. Não se trata de analisar a morte apenas como um fenômeno biológico, mas tomá-la na sua acepção religiosa de passagem para a vida eterna, objetivo maior das preocupações escatológicas dos anglicanos, uma minoria religiosa que formava o campo religioso baiano, majoritariamente afro-católico, nas duas últimas décadas do século XIX e início do século XX. As formas de morrer e as concepções sobre a morte também informam as preocupações, estilo de vida, o cotidiano e as representações do mundo dos vivos.

Palavras-chave: Protestantismo, morte, Bahia.

The Protestant Death in Afro-Catholic Bahia

Abstract: The life/death binomial occupies a significant centrality in the discourse and vision of the Christian world, especially in its Protestant branch. It is not about analyzing death as only a biological phenomenon, but it is about taking it in its religious sense of passing onto eternal life, the greater objective of the eschatological concerns of the Anglicans, a religious minority that made up the religious camp of Bahia, for the most part Afro-Catholic, in the last two decades of the 19th century and the beginning of the 20th. The ways of dying as well as the concepts regarding death inform us about the concerns, lifestyle, daily life and the representations of the world of the living.

Key Words: Protestant, Death, Bahia.

Introdução

A Bahia British Church se instalou em Salvador, capital da Província da Bahia, em torno de 1821, usufruindo das vantagens econômicas e políticas que a Inglaterra gozava no Brasil, a partir de 1808. Que atitudes diante da morte os anglicanos desenvolveram? Em que medida o lastro comum construído pela Reforma Protestante foi tomado como referência ou

¹ UEFS. Doutora em História.

outras práticas foram desenvolvidas e acrescentadas nesse novo contexto histórico e social, hegemonicamente afro-católico?

A morte, esse doloroso desenlace da vida humana, tão temida e respeitada pelas mais diversas culturas, na segunda metade do século XX tornou-se objeto de estudo dos historiadores, em especial dos franceses, saindo do reduto de teólogos e psicólogos para os domínios de cientistas sociais, também interessados em desvendar os mistérios da morte, no interior de determinados grupos sociais, seu impacto, significados, representações e atitudes diante do inevitável fato. *“Os crentes ao falarem da morte propõem uma ética no sentido mais profundo: um motor de vida.”* (NOVAES, in MARTINS, 1983: 287)

Philippe Arriés inaugurou na França, juntamente com outros especialistas de renome, uma linha de pesquisa que tomava como objeto central as atitudes e os comportamentos diante da morte, bem como as mudanças que tais comportamentos sofreram no decorrer dos séculos. Michel Vovelle, propõe *“uma visão social da morte... avaliar o peso da morte sofrida é apreciar os parâmetros, os componentes sociais desse corte a começar pela diferença de sexo de acordo com a idade desigual e sobretudo desigualmente sentida.”* Mas para o historiador francês *“a clivagem maior, teme-se, continua sendo a que opõe dominantes e dominados, ricos e pobres”*(VOVELLE, 1996:13).

Infelizmente, os trabalhos da escola francesa sobre o protestantismo ainda não foram tão divulgados no Brasil quanto os que abordam o campo católico. Buscaram-se pelo menos algumas referências como Jean-Paul Willaime em seu artigo *Dieu a Rappelé a Lui* e de Bernard Vogler: *Attitudes Devant La Mort et Cerímonies Fúnebres Dans Les Églises Protestantes Rhénanes Vers 1600.*

Os historiadores brasileiros só muito recentemente estão tomando a morte como objeto de estudo. Os trabalhos que tratam da morte no universo protestante são raríssimos: Regina N.Reys em artigo já citado estudou o fenômeno da morte e seu significado entre os pentecostais.

Os Reformadores e a Morte

Ao assentarem as bases doutrinárias da Reforma Protestante, os seus líderes tiveram que se defrontar com o problema da morte e os seus desdobramentos na prática cotidiana do catolicismo. Não se pode esquecer que a gota d'água que transbordou o cálice de indignação do Monge Martinho Lutero foi exatamente o comércio das indulgências, feito pelo clero católico, prometendo em troca de contribuições pecuniárias a absolvição das almas que

estavam no purgatório. Um dos principais temas das 95 teses do reformador alemão referia-se à morte e ao perdão.

Seguindo os ensinamentos paulinos, Lutero enfatizaria ao extremo a cruz e a morte de Cristo no lugar do homem pecador, lembrando que Cristo, ao ressuscitar dos mortos, concedeu ao homem mortal também o dom de ressuscitar e viver uma vida eterna. A finitude humana é um dado natural e irreversível, mas, ao ser justificado pela mediação de Jesus Cristo, o ser humano garante uma nova vida.

Na ótica luterana, só a fé em Cristo absolvía o homem das penas eternas, nenhuma obra, muito menos ofertas para fins religiosos, poderia salvar os pecadores. Portanto, o estágio intermediário denominado purgatório era uma verdadeira excrescência, não tinha nenhum fundamento bíblico. Em consonância com Lutero, Calvino, o reformador francês, condenava qualquer obra e ações humanas visando a salvação e o perdão dos pecados. Só pelo amor divino manifestado na morte de Cristo o homem teria condições de remir-se da danação eterna, de fugir da morte espiritual.

Resgatados do pecado e da ira divina, os homens, também as mulheres, estariam aptos para a ressurreição de seus corpos, ganhando um corpo glorificado. Acreditava Calvino na vida eterna, em glória e justiça será o galardão dos justos que aceitaram o sacrifício de Cristo, os ímpios que não reconheceram a Deus e o plano salvífico de seu filho, *serão jogados à morte eterna com o diabo, condenados às trevas eternas.*

Não foi sem dificuldades que os pastores calvinistas tentaram dissuadir os novos protestantes das antigas práticas que haviam sido consagradas pelo catolicismo e estavam indelevelmente marcadas na religiosidade popular. Garrison-estebe, no seu estudo sobre os protestantes do sul da França na época da Reforma, citou a família de *“Pierre Nouailland que após a morte de sua mãe, cheia de angústia e temores mandou rezar uma missa pela alma e mercê da defunta. O consistório os excomungou e exigiu a confissão pública do erro deles.”*(GARRISON-ESTEBE, 1991:251)

O anglicanismo apresentou muitas peculiaridades em relação ao pensamento reformado do continente europeu. Representando, de fato, uma via média entre o catolicismo e o protestantismo, a Igreja Anglicana acatou os principais postulados protestantes a respeito da morte e da vida eterna, mas manteve de forma nuançada a oração pelos mortos, não um purgatório declarado como pensavam os católicos, e sim uma espécie de intervalo à espera da ressurreição.

Nos Dez Artigos, publicados dois anos após a ruptura final com Roma, a Igreja Anglicana, em 1536, reafirmou a crença nos sacramentos do batismo, da penitência e da

eucaristia. Reafirmava ainda “*que eram desejáveis as missas para os defuntos e a invocação dos santos*”(LATOURETTE,1977:159). Em consequência das disputas político-religiosas, em 1552, o Livro de Oração Comum sofreu a sua primeira revisão e a questão voltou à baila, sendo omitidas as orações pelos mortos (WALKER, 90) e outras práticas tradicionais numa clara tendência favorável ao partido protestante.

No início do século XVII, a questão foi rediscutida e o teólogo Thorndike defendeu que “*a prática da Igreja de interceder pelos mortos na celebração da eucaristia é tão geral e tão antiga que não se pode admitir que tenha entrado por impostura*. No entanto, a intercessão feita pelos mortos, segundo o rito anglicano, não se respaldava na idéia da existência do purgatório como aceitavam os católicos.(BETTENSON, 1983:333).

A Morte Entre Os Anglicanos da Bahia

O número de óbitos registrados nos livros paroquiais da Bahia British Church superou o de batismo no mesmo período. Entre 1880-1930 foram registrados 297 óbitos contra 275 nascimentos, conforme o Livro de Registros de óbitos da comunidade. A maioria dos falecidos era do sexo masculino, o que se justifica não só pelo fato de ter tido um maior número de nascimentos masculinos registrados, mas também pelo pequeno número de mulheres que permaneceram em Salvador na idade adulta.

O passamento de crianças e jovens ocorreu freqüentemente e mortes “*não desejadas,*” isto é, não esperadas e ocorridas como um fato súbito e inesperado também aconteceram com freqüência, a exemplo de jovens engenheiros promissores, e clérigos, que foram vitimados pelo que genericamente chamava-se febre amarela, designando um conjunto de doenças tropicais que acometiam a população baiana no período, especialmente os estrangeiros. O grupo conviveu com o fenômeno da morte quase que como um fato corriqueiro. Ao que parece, o “*anjo da morte*” espreitava a comunidade e não levava nas suas asas apenas velhos e idosos alquebrados, mas indiscriminadamente tirou do convívio dos lares dezenas de crianças e jovens.

O maior número de óbitos incidiu na população infantil e entre os adultos na idade produtiva, isto é, entre os 26 aos 59 anos. No que se refere à causa mortis, os reverendos não tiveram muita preocupação em registrar. Das que foram reveladas, a febre amarela se destacou e, ao que parece, era a tal doença a fonte de muitas preocupações da comunidade.

No século XIX, as populações soteropolitana e do Recôncavo Baiano foram vítimas das mais devastadoras epidemias sofridas até então, a saber, a febre amarela e o cólera- morbo que atingiu, em 1855, diversas províncias do País, inclusive a Bahia. A insalubridade e o

descuido das autoridades sanitárias escancaravam o porto e as portas da velha cidade a todo tipo de doença e enfermidade trazida por marinheiros e viajantes. Segundo Athayde, foi o que ocorreu com a epidemia de cólera: *quase que a recebeu de portas abertas... em fins de junho de 55. E por vários meses o cólera, já instalado na Capital, iria espalhar o pânico, as privações e a morte em ritmo de verdadeira calamidade*”(ATHAYDE, 1985:21).

Convém destacar que mesmo com o advento da República, as medidas modernizadoras de elite política, o saneamento e as políticas preventivas não se modificaram substancialmente. Estudando a saúde pública de Salvador no período, Uzeda assegurou que: *“a qualidade de vida e de saúde da população da cidade de Salvador ao final da República Velha pouco avançou, em relação ao Império* (UZEDA, s/d:150).

Em 1917, o Reverendíssimo Every registrou em suas notas, após uma visita episcopal a Bahia British Church, *“que a Bahia tinha melhorado as condições de saúde e esperava que isso continuasse pois era comum no Prata se imaginar que aqui se vivia as armadilhas da morte*” (DIOCESAN GAZETTE, jan. 1917: 60). O bispo anglicano tinha toda razão em preocupar-se com a saúde da cidade, pois esta influía diretamente na saúde dos seus fiéis.

Entre 1880 e 1930, quatro reverendos foram acometidos de febre amarela destes, dois sucumbiram :o Rev. Cecil F.C. Luckman, que morreu aos trinta e seis anos de idade após três anos de ministério na Saint George Church e o Rev. Augustin Dubourg, aos cinquenta e dois anos que passou apenas alguns meses em Salvador, morrendo em 1913 . Em 1857, O Rev. John Williams, aos vinte e seis anos, também foi vítima de febre amarela (Epitáfios .Doc. Cemitério Britânico e Livro de Registro de Óbitos .Paróquia Bom Pastor). As armadilhas da morte não escolhem espaços geográficos, mas certamente que as condições higiênicas de Salvador contribuíram decisivamente para as mortes prematuras desses clérigos.

Convém destacar que o ataque das doenças tropicais, de fato, fazia parte das preocupações dos clérigos e certamente de toda comunidade. Em 1911, o Rev. Naish assim se expressou: *“o capelão agora completa dois anos de residência e dá graças ao relatar que continua com excelente saúde, nunca tendo sofrido de qualquer doença que provém do clima tropical*”(DIOCESAN GAZETTE, Fev. 1912:190).

O Discurso Sobre A Morte

O discurso anglicano sobre a morte construiu-se, seguindo a tradição eclesiástica e os ensinamentos bíblicos. Da leitura dos epitáfios e dos textos necrológicos pode-se concluir que viam a morte basicamente sob três perspectivas: a primeira era que a morte do cristão era

uma morte bem-aventurada, pois que morriam no Senhor; a segunda é a que identificava a morte como um sono, um repouso dos fiéis no aguardo da ressurreição eterna; e a terceira concepção era a de que se constituía numa passagem, numa partida desta vida para a vida eterna.

Dos 108 epitáfios encontrados, quase 50 % se enquadram na segunda concepção de que “*os que morrem no Senhor dormem*”, conforme os ensinamentos do apóstolo Paulo. Os anglicanos elaboraram um discurso essencialmente religioso sobre o tema, o que é perfeitamente plausível por se tratar de um grupo religioso e pelo fato de que nesses momentos fúnebres e dramáticos a busca de sagrado e do divino faz-se de forma mais intensa. A inevitabilidade e as incertezas do pós-morte aproximam o homem das verdades e das certezas religiosas.

A morte abençoada, ou a boa morte, referia-se normalmente a pessoas que faleciam na velhice e que após uma longa existência, morriam rodeadas de filhos e netos e lembradas por suas boas obras, a exemplo do bem-feitor da Bahia British Church, Sr. Edward P. Wilson, que viveu 84 anos e os seus filhos escreveram na sua suntuosa tumba: “*abençoada é a morte daqueles que morrem no Senhor, diz o Espírito que eles devem descansar de seus labores e dos seus trabalhos*” (Epitáfio no.138 Doc. Cemitério Britânico), parafraseando um texto bíblico. Mesmo as mortes prematuras de crianças e jovens, no final, eram consideradas como “*a vontade soberana de Deus,*” mesmo que oculto e incompreensível à primeira vista, mas pleno da *sabedoria do Pai*.

Na segunda perspectiva, a morte era concebida como um período de sono dado por Deus, onde o fiel dorme o sono dos justos na paz de Cristo. A exemplo do epitáfio de um bebê que morreu em 1908, aos 18 meses de idade, e seus pais assim registraram as saudades e expectativas: “*em memória de Eleanor F. Webb, dorme em Cristo.*” Morrer tinha o mesmo sentido de dormir, repousar no Senhor, para esperar a ressurreição eterna que estava por vir. Conforme a inscrição gravada no túmulo do senhor James Clement, que morreu aos 66 anos: “*após os dias de dores e luta ele descansa, e despertará para a vida eterna.*”

Os anglicanos acreditavam que a ressurreição era uma promessa de Jesus Cristo da qual eles participavam enquanto seus seguidores. Na lápide de Eliza Cláudia Field, falecida em 1927, os seus filhos lamentaram a sua morte e confiavam na ressurreição prometida por Jesus ao reivindicar para si a possibilidade de oferecer a vida eterna. Em suas memórias o Bispo Every retomou o tema na certeza de que viveu e viverá eternamente em Cristo, ao mesmo tempo em que prestava contas de sua missão episcopal na América Latina. *De acordo com a tua vontade, Oh Cristo, desejei viver; Nem curta nem longa foi a vida em ti; Por ti vivo, por ti*

morro, por ti viverei de novo; Pois teu eu sou na vida, na morte e pela eternidade (EVERY, 1933:207).

Ao conceberem a morte como uma passagem para a vida eterna, não se eliminava a possibilidade de tomá-la como um sono, uma rápida transição do homem para uma outra dimensão que garantia a eternidade no seio de Cristo. Na verdade, as duas concepções se amalgamavam perfeitamente. A partida desta vida não era concebida como fato biológico apenas, mas como um chamamento divino. No epitáfio de Elizabeth Anny, falecida em 1881, o viúvo escreveu as seguintes palavras: “*a adorada mulher de George Finney, desta cidade, que partiu desta vida aos 26 anos. Deus tem chamado por ela*”(Epitáfios nº 124. Doc. Cemitério Britânico).

Os que morrem em Cristo são chamados para um estágio melhor e mais elevado, com a conotação de um prêmio, de uma recompensa pela fidelidade aos princípios evangélicos, pela vida de retidão e serviços prestados ao próximo. Ao noticiar o passamento da Srta. Been, a Gazeta Diocesana assim se expressou: “*temos certeza que ela foi promovida a uma esfera mais alta. Deus ama aqueles que amam Sua Casa na terra e com freqüência o chama mais cedo que outros, para o serviço mais perfeito no templo lá em cima*”(DIOCESAN GAZETTE 1918 – 38).

A morte abençoada, a morte vista como um sono dos justos ou a passagem para a outra vida, eram concepções que se complementavam e que tinham sempre como um substrato latente que ao ser atingido pelo anjo da morte ou ser chamado por Deus, o morto descansava dos seus trabalhos, da vida agitada de sofrimentos e entrava na bem-aventurança divina, mas que as suas obras, as suas atitudes enquanto cristão o seguiriam, não seriam esquecidas e certamente seriam levadas em conta no tribunal eterno.

O mundo dos vivos e o mundo dos mortos não eram duas realidades estanques e incomunicáveis. Havia uma certa comunicação entre essas duas esferas, garantida, inclusive, através da doutrina da intercessão pelos mortos. Conforme o Livro de Oração Comum, seguido pelos anglicanos aqui no Brasil. Em todas as cerimônias da sagrada comunhão os irmãos que haviam passado para a outra vida eram lembrados(Livro de Oração Comum, edição de 1887:685).

Os mortos continuavam vivos na memória dos seus familiares, presentes no cotidiano dos que lhes sobreviviam, permaneciam ligados por laços afetivos e de parentesco . Dezenas de epitáfios registraram a frase : “*amado tanto na vida quanto na morte,*” ou a variante “*amado em vida e na morte,*” indicando que os sentimentos e as lealdades permaneciam vivas juntamente com os seus falecidos portadores. Numa outra dimensão, não revestidos do corpo

carnal, os falecidos continuavam habitando o mundo dos vivos, numa alquimia afetiva e espiritual. “*A morte oculta, mas não separa. Os que estão em Cristo do outro lado permanecem em Cristo, intimamente ligado com ele*”(Epitáfios nº 131. Doc. Cemitério Britânico) conforme pensava o marido da Sra. Gladys Newcomb ao escrever-lhe um poético epitáfio, por sua morte prematura aos 30 anos de idade.

Corroborando com a idéia da eterna presença dos mortos no ambiente dos vivos, pode-se citar o exemplo dos filhos da Sra. Elizabeth Buckingham, em cujo epitáfio, prometeram manter o respeito materno e nunca esquecer as lições que dela receberam em vida. Era como se o falecido continuasse biologicamente vivo e exercendo os papéis desempenhados ao longo da existência terrena. Em outros epitáfios de mães e pais, escritos por seus filhos, tal idéia repetiu-se, não foi raro.

O Cemitério Anglicano

Em Salvador, sede do Arcebispado do Brasil, as necrópoles existentes eram todas administradas pela Igreja Católica ou Irmandades Religiosas. Por isso, antes mesmo de erguerem a capela anglicana para os serviços religiosos, os anglicanos viram-se na iminência de providenciar uma necrópole, desde quando os seus mortos estavam proibidos de receberem sepultura nos cemitérios locais. Em 8/2/1814, “*o consul inglês e deputados dos negociantes ingleses residentes nesta cidade*” pediram autorização ao Conde dos Arcos para converter “*uma roça que haviam comprado em cemitério proprio e decente para nele se enterrarem os vassallos de S.M.B. que nesta cidade falecerem*” (Ofício nº 8/2/1814).

O terreno escolhido pelos anglicanos para lhe servir de cemitério situava-se na povoação da Barra, um arrabalde desabitado e distante do centro urbano da cidade de Salvador. O sítio da necrópole, ainda hoje é um jardim entremeado de arbustos e flores, com uma pequena capela no canto esquerdo. Em 1873, o Vice-Presidente da Província citou no seu relatório as necrópoles existentes em Salvador: “*há na capital 6 cemitérios, quatro catholicos, e 2 protestantes o dos Inglezes na Barra e o dos Alemães defronte do Campo Santo*” (CARVALHO, 1873:49).

A elite baiana no período enterrava seus mortos no interior dos templos católicos. Eram funerais grandiosos com procissões que participavam centenas de pessoas. A prática de sepultamentos fora dos muros dos templos ou em sítios fora do centro urbano constituía-se numa novidade. Prática trazida da Europa, por motivos de caráter higiênico que dominavam as preocupações dos médicos. Os funerais dos anglicanos da Bahia British Church deveriam parecer aos olhos dos soteropolitanos como algo estranho e herético.

Acostumada à tradicional prática católica de sepultar no piso dos templos, nas naves, se o morto fosse rico e prestigiado, em 1836 a população de Salvador reagiu contra um decreto do Presidente da Província “*proibindo o tradicional costume de enterros nas igrejas e concedendo a uma companhia privada o monopólio dos enterros em Salvador por trinta anos*”(REIS, 1991:13). A Cemiterada começou como uma manifestação de protesto convocada pelas Irmandades e Ordens Terceiras de Salvador, organizações católicas leigas e alastrou-se atraindo outros segmentos como pobres e mulheres do povo, que apedrejavam o novo cemitério público, destruindo aos gritos de morra ao Cemitério. A Cemiterada enquanto revolta foi vitoriosa, pois os esquifes continuavam a ser feitos sob o teto dos templos, prática que só seria abandonada diante da mortandade que foi a epidemia de cólera em 1855.

A morte protestante e a morte católica ou afro-católica seguiam diferentes rituais, onde as diferenças seriam ressaltadas pelo caráter minoritário e o estrangeirismo dos anglicanos. Ao longo da costa brasileira, onde havia colônias de comerciantes britânicos, como um privilégio concedido à Inglaterra, os súditos de Sua Majestade Britânica construíram cemitérios próprios que abriram para outros protestantes como luteranos ou judeus, também excluídos das necrópoles católicas. No Cemitério Britânico de Salvador existiam três áreas distintas: a dos ingleses anglicanos, a dos alemães luteranos e a dos judeus.

O exclusivismo desses cemitérios pode ter contribuído para o isolamento dos anglicanos, ao mesmo tempo em que reforçava uma identidade britânica, protestante. Falando sobre a necessidade de construir um templo no Estado do Pará, o Bispo Every referiu-se ao cemitério inglês como um símbolo da fé anglicana, “*a única evidência da nossa fé nacional era o cemitério, agora em desuso a nossa raça vê com importância o assunto dos cemitérios*” (DIOCESAN GAZETTE. Mar. 1913:158), a igreja considerava os cemitérios como uma instituição que os identificava em terra estranha.

Os membros da Bahia British Church na construção da necrópole em Salvador, reivindicavam O *Tratado de Paz e Amizade*, de 1810, entre a Inglaterra e Portugal. Quase 120 anos depois, o Bispo Every mantinha em sua memória a lembrança desse privilégio, como algo que contribuiu para manter a comunidade coesa e dar continuidade às práticas rituais anglicanas em terras longínquas da mãe-pátria.

Bibliografia

- ARIÉS, Phillipe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- ATHAYDE, Johildo Lopes. *Salvador e a Grande Epidemia de 1855*. Salvador: CEB. UFBa, 1985.
- BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro: ASTE, 1983.

GARRISON-ESTEBE, Janine *L'Home Protestant*. France: Hachette, 1980.

GARRISON-ESTEBE, Janine. *Protestants Du Midi. 1559-1598*. France: Bibliotheque Historique Privat, 1991.

LATOURRETTE, K. *Historia Del Cristianismo*. s/l Casa Bautista Publicaciones. 1977.

NOVAES, Regina Reis. Os Crentes: razões para viver e morrer. In MARTINS, José. *A Morte e os Mortos*. São Paulo: EDUSP, 1996.

REIS, João José. *A Morte é Uma Festa*. São Paulo. Shwarcz, 1991.

UZEDA, Jorge. *A Morte Vigada. A Cidade de Salvador e a Prática da Medicina Urbana. (1890-1930)*. Salvador: FFCH/UFBa. Diss. Mestrado. s/d.

VOVELLE, Michel. *A Morte na Idade Média*. São Paulo: EDUSP. 1986.

WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1967.

WILLAIME, Jean Paul. “*Dieu a Rappelé a Lui*” *Exclusion de la morte t “mort protestant” dans la société d’aujourd’hui* Annales du Centro de Sociologie du Protestantisme. Strasbourg. s/d.